

Anno 1º

Rio de Janeiro

Nº 43

DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO de Angelo Agostini

R. OUVIDOR 109



Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella
Director da Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes.

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	24\$000	Anno.....	28\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

Pedimos a todas as pessoas do interior que nos dirigirem pedidos de assignaturas, o obsequio de nos indicarem com toda a precisão as localidades em que residem, afim de facilitar-nos a expedição.

Tambem pedimos ás pessoas que veem e leem o *D. Quixote* a... olho (e ha muitas!...) que se tiverem um dia o desejo de assignal-o, o façam quanto antes, pois, uma vez esgotadas as edições, será difficil obtel-o.

Tendo deixado de ser nossos agentes em Santos os Srs. Weinmann & Comp., constituimos nossos agentes n'aquella praça os Srs. Pinna, Novaes & Comp., rua Senador Feijó n. 2 B.

A ADMINISTRAÇÃO.

DON QUIXOTE

RIO, 14 DE DEZEMBRO DE 1895.

O ARBITRAMENTO

N'um collegio de rapazes, em Inglaterra, postos em formatura os alumnos sob a direcção de um sargento do exercito britannico, que os instrua em exercicios militares, dizia este:

« Perfilem-se, moços. Hombros para traz, peito estufado, cabeça erguida; olhem para a frente, como si o mundo inteiro lhes pertencesse!»

Ahi está uma expressão que caracteriza fielmente o sentimento intimo da nação ingleza, a arrogancia nativa dos eternos conquistadores, a sobrançeria egoista da politica de absorpções que é privilegio d'aquelle governo.

Tardava muito que a garra fatidica do leopardo não procurasse colher alguma prêza na America, ella que espreita as occasiões favoraveis e aproveita incidentes diplomaticos minimos para arvorar em todos os cantos do globo o pavilhão inglez. As calamitosas difficuldades internas do Brazil estimularam-lhe o desejo, naturalmente, e lord Roseberry não teve duvida um bello dia em acceder ás sollicitações mercantis de sir John Pender; um vaso de guerra recebeu a incumbencia de aproar á deserta ilha da Trindade, parte aliás de nosso territorio, e alli sem cerimonia se plantou a bandeira que tremula em Gibraltar, em Chypre, em Malta, em Aden,

em Borneo, em Ceylão, em Hon Kong, na Ascenção, no Cabo, na Mauricio, em Santa Helena, na Jamaica, nas Bermudas, e si mais mundo houvera lá chegára.

D'ahi a famosa e irritante questão da Trindade, que tem inflammado com justa razão o patriotismo brasileiro, não obstante termo-nos sabido conter contra demasias improprias de um povo civilisado.

O governo do illustre presidente da Republica, Dr. Prudente de Moraes, assim que o inaudito procedimento do governo britannico chegou ao seu conhecimento, levantou a questão dos nossos direitos incontestaveis á posse da ilha, e, segundo se infere de publicações officias, demonstrou-os á luz da evidencia.

Mas já lá vão talvez quatro mezes que se discute entre as chancellarias, e a ultima noticia corrente como mais fidedigna informa-nos que o *magnanimo e generoso* governo da rainha Victoria digna-se, em resposta ás reclamações justissimas do Brazil, propôr que se decida o pleito por arbitramento.

Poude parecer, ao primeiro lancar d'olhos, que de accordo com o espirito da nossa Constituição, a solução era accetavel. O arbitramento nada tem de deshonroso em si e é antes uma conquista da civilisação, que esclarecidamente inserimos no nosso pacto fundamental. Mas, examinada a questão mais profundamente, esse alvitre adoptado seria aqui uma prova de fraqueza por parte do Brazil, e nenhuma nação que se préza tem o direito de curvar-se por semelhante fórma deante dos canhões omnipotentes do invasor.

O arbitramento tem a sua razão de ser, quando ha motivo sério, ou pelo menos sombra de duvida sobre o direito que se pleitéa. No caso da Trindade porém, os argumentos já exhibidos pelo nosso Ministerio de Relações Exteriores são de tal evidencia, que o governo inglez deante d'elles só tem um caminho a seguir, si é que de boa fé plantou a sua bandeira na ilha: era pedir desculpa de engano e reconhecendo a nossa soberania abandonar a prêza desastradamente empolgada para beneficio dos cofres de sir John Pender.

Onde a justificativa da invasão? Em estar abandonada a ilha? Em não termol-a aproveitado até hoje, fundando alli um estabelecimento qualquer? Não. Porque no mesmo caso se acham zonas consideraveis do nosso territorio continental, e parece que a sem-ceremonia da Inglaterra não vai ao ponto de *rol-as* vir tomar. Ella sabe que isso seria uma affronta.

Em não ter dono a Trindade? Não. Porque os proprios geographos inglezes, para não appellar para outras auctoridades, ensinam em seus livros e em seus atlas que a Trindade é hoje possessão brasileira, como foi possessão portugueza (*e reconhecida pela Grã-Bretanha*) antes de 1822. E não, tambem, porque os actos do governo brasileiro desde 1822 até agora, são todos accordes em afirmar de modo inconcusso e não contestado jamais que aquella ilha faz parte do nosso territorio.

Um governo honesto, portanto, deante de semelhante ausencia de provas em seu favor, e deante dos argumentos irresponsiveis de seu adversario, só tem um caminho: é ceder á razão e ao direito. Tal é o papel que cabe á Inglaterra, por isso mesmo que é forte e poderosa.

Quanto ao Brazil, confiamos no patriotismo do benemerito presidente da Republica esperando que recuse e recuse *in-limine* a proposta do arbitramento, si ella se verificar. E' a estrada da honra, e d'ella não ha recuar.

ANGELO AGOSTINI

Nosso estimado chefe e querido amigo embarcou a 5 do corrente no vapor *Brésil*, das *Messageries Maritimes*, e ja expediu-nos um telegramma de Lisboa, onde chegaram sãos e salvos, elle, e seus inseparaveis companheiros D. Quixote e Sancho Pansa, continuando os tres a sua viagem para aqui sem a menor novidade.

Quer dizer que os innumerados admiradores e amigos do Angelo tel-o-hão por cá a 22 ou 23 do corrente; ou tanto vale dizer que ainda em numeros d'este mez volverão ás paginas do *Don Quixote* o heróe mancheço e seu fiel escudeiro, ainda que fatigados estejam da viagem *à vol d'oiseau* que acabam de effectuar, percorrendo varios pontos da Europa no intuito de adquirir elementos novos de successo para esta folha.

Que venham; já mandámos matar a galinha mais gorda para a recepção dos tres illustres viajantes.

NO BORRALHO

Tambem ouvi tua palavra, Nilo amigo, e devo-te dizer que gostei. Não zombes de minha posição de gato, os bichanos tambem são patriotas.

Aqui, onde me estás vendo, no canto, deitado na cinza morna, ronronando, com os olhos cerrados, estou espiando tudo.

Se é mulher que vem espreguiço-me, levanto o rabo no ar, passo roçando e mio baixinho. Se é homem estou quieto, por que foi um homem como tu, não direi que

fosses tu, quem inventou o ditado de tirar a sardinha com a mão do gato.

Meus pobres irmãos, como somos calumniados! Oh! se os gatos fossem eleitos? Porque motivo não gosamos d'estas prerogativas? Será por causa das nossas unhas? mas temol-as tão disfarçadas! Pobres gatos!

* *

Em todo o caso, eleito ou não, eu arranho em questão de direito internacional, e acho, contigo, oh! meu amigo Nilo, que está tudo torto.

Não metterei minha pata na questão da Trindade; é questão com a Inglaterra e nós (tu não entras n'isto) nós os da minha raça somos gratos aos inglezes. Deves-te lembrar que ha uma genebra marca gato.

Quanto ao Amapá tambem não digo nada, fica lá para as bandas do Pará, e, não sei se me entendes, quem tem rabo, tem medo que o pizem.

Do que eu entendo é da questão metropolitana. Bem te recordas que essa companhia pretendia acabar com o sofrimento dos burros, e, assim ou assado, eu não estou bem certo se não conto nenhum burro na familia.

E por isso ouvi a tua voz. Praza aos ceus, Nilo, que ella não clame no deserto. No deserto o Baptista clamava e assim foi que muita gente morreu pagã.

Tanto quanto pôde comprehender um gato, me parece que este negocio de arbitragem não vai bem entendido. No tempo de Salomão a cousa era melhor, o nosso Quintino que o diga.

Quer hoje uma companhia particular que o seu contrato seja discutido pelo ministro da terra do sr. Caminada. *Mal hecho!* Estou de accordo contigo, não deve e não pôde. Mas, apesar dos meus dous dedos de grammatica, ignorava a frase do fallecido major que a tua memoria recitou na Camara, na sessão de 4, que Deus haja.

«Floriano, n'este grave negocio da metropolitana e resistindo á indemnisação de alguns contos de réis disse:— « A Italia que metralhe, que arrase a cidade, mas não levará essa quantia do Thesouro do Brasil ».

Disse bem, disse muito bem, e tu com elle o repetiste, Nilo, e eu contigo o repito. Pois se alguma coisa proferiu o major digna de credito, foi esta.

Não é só que o homem não tivesse medo de bala, nem de arrasamento. Quem não tem medo? Olha, Luiz XVI quando subiu ao cadafalso... Voltemos ao assumpto.

«Que a Italia bombardeasse, arrasasse a cidade não levaria o dinheiro do Thesouro do Brasil.»

Posso garantir-te que esta era a propria

verdade. E sabes porque o garanto, Nilo? Porque lá não havia vintem.

Ora ahi tens.

* *

Já agora, Nilo, como pôde ter-te escapado, escuta. Ainda é negocio de italianos.

Um dia d'esses li nos jornaes esta localzinha:

«O sr. De Martino, ministro da Italia, apresentou hontem, ao sr. ministro das Relações Exteriores, o commandante do couraçado italiano *Lombardia.*»

Hum! gato escaldado, d'agua fria tem medo...

Isto quer dizer que o sr. ministro da Italia quiz dizer: « Olhe, sr. dr. Carlos de Carvalho, se não andar direitinho commigo, é com este que o sr. tem que se haver.

Que tal?

Bem, os ratos estão se aproveitando da minha palestra; adeus, Nilo.

GATO PRETO.

TELEGRAMMAS

(SERVIÇO ESPECIAL DO «D. QUIXOTE»)

LÉO A TONY

—Sabes barbeiro rua S. Luiz Gonzaga vai ser nomeado medico policia?

TONY A LÉO

—Medico da policia um barbeiro? Estás doido?

LÉO A TONY

—Não estou. E' que barbeiro, muito habil, estudioso, descobriu processo infalível verificar virgindade moças solteiras...

TONY A LÉO

—Ora bolas! Barbeiro plagiario, methodo antigo, inventado nosso pai Adão. Protesto...

LÉO A TONY

—Em nome pai Adão?

TONY A LÉO

—Nunca. Meu proprio nome: tambem quero nomeação medico policia.

LÉO A TONY

—Acho melhor ires confessar-te barba-dinhos morro Castello.

TONY A LÉO

—Tu muito invejoso!

O estacionario,

ORÓ WESTERN.

A SEMANA

Ai! se as almas vivem lá pelas alturas, Como a gente, embaixo, muitas vezes cre, Oh! sebastianistas! vossas missas puras, Sem ruins peccados, sem crueis misturas, Chegarão ás almas, boas como quê.

Foram quinze missas, foram quinze missas, Se me lembro bem.

Vossos corpos santos, livres de preguiças, Vossas almas santas, tremulas e submissas, Para a igreja foram, como eu fui tambem. Belém! Belém!

Mas se nas alturas, como cá por baixo, Não se esquece aquillo que por cá se viu, Ha de achar aquelle (que eu tambem o acho) Que p'ra bananeira que já deu seu cacho Chega tarde agora o que ninguem pediu.

Quando foi preciso ver os seus amigos, Não achou ninguem.

« Perto de quem come, longe dos perigos ». Não havia um só dos cortezãos antigos. Abandonado e velho, quem salvou-o vem? Belém! Belém!

Nem uma vozinha em seu auxilio veio, Nem uma espadinha se desembainhou, Para a monarchia nem um só esteio; Vai o throno aos tombos e n'aquelle meio Um charactersinho, um só não se salvou!

E que tropa horrenda que cercou a casa... P'ra guardar a quem?

A ave prisioneira nem siquer tinha aza, E onde o amor estava que hoje vos abraza, Quando o pobre velho procurava alguem? Belém! Belém!

Oh! que gente esplendida! Oh! que gente afoita! Na prosperidade como foi fiel?! Tudo o que apparece rapida abiscoita, Mas se a lata surge, n'um instante, moita, Não se viu silencio nunca tão cruel.

E deixou levar-lhe o amiguinho velho, Pobre Pedro Sem!

Para acompanhal-o nem um só fedelho! Para consolal-o nem um só conselho, Tanto amigo teve e agora um só não tem... Belém! Belém!

Ai! que exilio triste! Nem uma cartinha, Nem uma saudade para quem foi rei, Morto em vida. Oh! pobre! nem uma andorinha Leva-lhe uma lagrima; a morte se avisinha, Disse-lhe alguem: «taes só» e elle só diz «já sei!»

Oh! sebastianistas! Oh! sebastianistas! Bons homens de bem! Onde estavam, d'antes tantos monarchistas? Quando foi preciso, que subtis artistas! Só depois do roubo a porta trancas tem. Belém! Belém!

Mas se nas alturas como cá por baixo, Não se esquece aquillo que por cá se viu, Hade achar aquelle (que eu tambem o acho), Que p'ra bananeira que já deu seu cacho Chega tarde agora o que ninguem pediu.

Vertenzas da actualidade

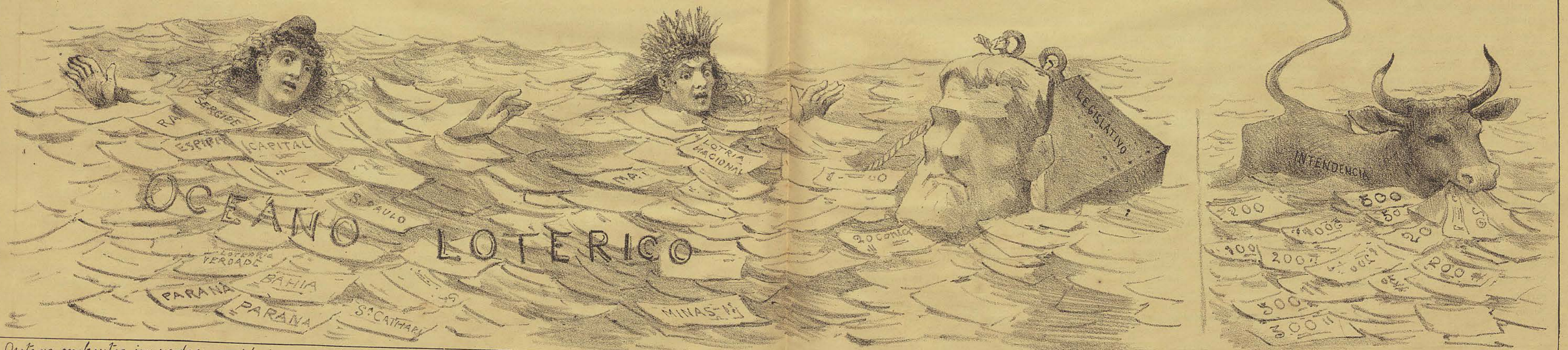


No Senado o novo Diogenes, batão do hadario, prosegue na sua vertenza eterna, à cata do homem da capa preta, isto é do responsável pelos horrores praticados no Paraná e S.^{ta} Catharina. Baldado esforço! Nem com uma, nem com mil lanternas!

A tal vertenza do Sr. Nilo Peçanha inundou completamente o recinto da camara dos deputados, convertendo-o em mar de riso. Ficou conhecida a força das vertenzas do illustre deputado!

Afogar-se-ia na enchente descomunal a pessoa do Sr. ministro das relações exteriores, se S. Ex.^a não encontrasse uma taboa de salvação n'um bom dictionario italiano.

Pergunta a Gazeta de Noticias por que motivo foi o Sr. Presidente da Republica morar no morro do Inglez, agora que estamos em vertenza com a Inglaterra... E por isso mesmo: para aproveitar-se de alguma hora e possível immundação das vertenzas do Sr. Nilo e alli, no Inglez, melhor apreciar a quesão da Trindade.



Outras enchentes inundam a cidade: as das loterias, que ameaçam engolir a capital, e talvez todo o Brasil, se não lhes valerem as duas possantes boias de salvação em que depositamos esperanças.

Tambem a nossa Intendencia Municipal teve a sua enchente, com o empréstimo de 3 mil contos que conseguiu da União. Mas de que vale isso? Ella terá de deglutir tudo, para fortificar-se e poder amamentar o vasto exercito de bezerras que lhe sugam a vida!

Foram quinze missas, foram quinze missas,
Se me lembro bem.
Quantos corpos santos, livres de preguiças,
Quantas almas santas, tremulas e submissas
Para a igreja foram, como eu fui também!
Belém! Belém!

F. MENDES.

ASSALTO A' IMPRENSA

Em S. Paulo, na adiantada terra dos Andradas, repetem-se de tal modo os assaltos á imprensa e o empastellamento de typographias, que o facto parece assumir o character de processo politico e governativo, decretado, estabelecido, e consagrado.

Na verdade, é triste e lamentavel esse *modus vivendi* entre quem tem uma parcella de poder publico e o jornal que exerce o direito de fiscalisar-o, *modus vivendi* traçado pelos que dispõem do poder e da força.

Os factos que á semana passada se deram em Santos, do empastellamento das typographias da *Tribuna do Povo* e do *Santos Commercial*, executado pelo próprio commandante do corpo de bombeiros á frente dos seus soldados, é revoltante e merecedor da mais severa repressão.

Final de contas, o mal é epidemico em S. Paulo, e como não ha cordão sanitario installado entre aquelle estado florescente e esta capital federal, sempre é bom que vamos pondo as barbas de molho—mesmo porque o microbio do empastellamento encontraria por cá terreno preparado, dadas as condições em que vivemos.

Que diabo!

Se a imprensa se desmanda, se exorbita, se sai fóra das raias que lhe são traçadas, a lei ali está e offerece ao offendido e aos aggravados o meio de se desaggravarem.

Assim, ás brutas, não.

Perfeitamente solidarios com os nossos collegas santistas, lamentamos a violencia de que foram victimas e lavramos nosso protesto contra essa maneira de castigar a imprensa—a ponta de pé.

Sem inquirir dos motivos que teve o commandante do corpo de bombeiros para esguichar a sua bilis contra os dous nomeados collegas, sempre lhe diremos que assim procedendo perdeu toda a razão que porventura lhe pudesse assistir no caso, e que S. S. como régulo da aldeia não ganhou a partida—mesmo porque a *Tribuna* e o *Santos Commercial* já refizeram suas offi-

cinas e volveram á vida, ao passo que o bombeiro está agora sem commando e constrangido a tocar a sua bomba silenciosa e solitariamente.

E o que faz mal á saude.

FÉLIX.

THEATROS

A' hora que é, vai de viagem para a Paulicéa a *troupe* Sansone, com todas as sus florituras, dós de peito do Sr. Vilalta, magrezas das comprimarias e comittantes caretas da Sra. Bassi.

Para de nós despedir-se dignamente, deu-nos a companhia uma opera brasileira—a *Moema*, deixando no sacco dos esquecimentos a *Fosca*, que fazia parte do promettido repertorio. Antes nos havia dado a *Carmen* e tambem a *Traviata*.

* *

Da *Carmen* só ha a dizer bem, uma vez que os córos não existiram na companhia Sansone, pois tal denominação não se pôde dar áquelle agrupamento de mulheres desengonçadas e homens mal encarados que andavam pela scena do lyrico a berrar sem compasso, fóra de tempo e dentro da maior desafinação...

Se existissem, em tal caso mereciam uma multa equivalente ao ordenado de toda a temporada, só pelas trapalhices que fizeram no primeiro acto da *Carmen*.

Aquillo não são córos—nem aqui nem na Praia Grande. Da parte do sexo opposto ao das barbas, algumas são quando muito—coiros.

* *

A Sra. Sartori teve no papel de protagonista ensejo de bem despedir-se dos seus muitos admiradores, pelo bom desempenho que lhe deu. Effectivamente a *Carmen* é dos seus melhores papeis, a que sabe imprimir o maior relevo, e o mais fino vigor dramatico.

Dir-se-ha—e é facto—que falta-lhe, para a completa exhibição do typo da voluvel hespanhola bandoleira, o *salero* especial, e a graça no dansar, que vimos tão ao vivo reproduzidos pela graciosa Paola Marié e sobretudo pela admiravel Ferni.

Em compensação ella, a Sra. Sartori, mostrou-se superior no desempenho dramatico, dando grande colorido á parte principal d'esse excellente drama lyrico. Só o 3º acto, no tercetto das cartas e no duetto seguinte com o tenor, basta para garantir-lhe lugar proeminente entre as primeiras artistas que d'aquelle papel se hão encarregado.

* *

Os outros andaram bem, notando-se a

entrada do Sr. Arcangeli no 2º acto e o modo por que executou a canção do toreador. Scenarios bons, e a orchestra com os altos e baixos do costume—e isso devido ao modo por que rege o Sr. Boniccioli, que só tem um ou outro dia na semana, em que entende de ser bom regente.

* *

A *Traviata* foi a opera em que melhor apresentou-se a Sra. Rebuffini. Pelo menos foi aquella em que demonstrou maior volume de voz, melhor conhecimento de scena e talvez mais boa vontade para o trabalho.

Evidentemente a *Traviata* é a opera de sua predilecção.

O publico achou talvez que para tísica a Sra. Rebuffini estava um pouco gorda de mais; e foi de opinião, que estando a seu lado a Sra. Coscollani, excessivamente magra, a esta melhor caberia expirar no ultimo acto, minada pela tuberculose—ou mesmo no primeiro, se assim fosse do seu agrado.

Cá por mim o que observo, e aqui timidamente o registro, é que a Sra. Rebuffini abusou na parte dramatica, recitando em voz natural muitos trechos e deitando Sarah Bernhardt na ultima scena.

Uma fantasia, como outra qualquer!

O Sr. Athos e o Sr. Vilalta fizeram no ultimo acto uma aposta assás curiosa! A vér qual dos dois desafinava mais, melhor e com mais convicção!

O publico, juiz do repto, não pôde decidir em favor de nenhum dos dois contendores, sendo de opinião que dos dous quem mais desafinou a capricho... foram ambos.

Uma pandega, tudo aquillo.

* *

Resta fallar da *Moema*, o segundo dos dous productos da industria artistica nacional expostos este anno no Lyrico.

Como por occasião da Sra. Mathilde Canizares, a tuba do patriotismo chamou a postos os entusiastas emprazando-os a virem dar palmas ao Sr. Delgado, delgado de corpo e de Carvalho.

Ora meus senhores, e demais ouvintes: eu não sei como hei de dizer a cousa, mas no entanto, forçoso é que o diga. E assim lá vai:

* *

Como amator o Sr. Carvalho tem talento, não ha negar; mas quanto á originalidade, *nictes*.

Todo o seu preludeo é calcado sobre a *Cavalleria Rusticana*, n'uma flagrancia que tóca ao escandalo. O intermezzo, idem; e o final assemelha-se ao dos *Pathos*, como se parecem duas gottas de agua pura.

Reminiscencias de uma multidão de operas é o caracter distinctivo da *Moema*; e felizmente para o Sr. Delgado o delegado Bartholomeu, da 4ª circumscripção, não é o proprietario Bartholomeu do Theatro Lyrico...

Se não...

*
**

Nos outros theatros, pasmaceira geral.

Os *tiros* do Sr. Medeiros passaram agora a ser disparados no theatro Variedades, sendo o ultimo a peça *Restauração de Portugal*, com que a companhia pretende de caminho restaurar as respectivas finanças.

A empresa da propecta actriz Emilia Adelaide, auxiliada pelo não menos propecto actor Furtado Coelho, apresta ainda o *Burro de Carga*, grande revista do anno de que se dizem muitas cousas.

E a proposito, depois de varios incidentes, episodios, contestações e negativas, chegou-se á seguinte verdade acerca da auctoria d'essa preciosidade theatral: a peça é original da propria Sra. Emilia Adelaide, de collaboração com o mesmissimo Sr. Furtado Coelho.

Foi costume que lhes ficou desde que juntos representaram no S. Luiz a *Fernanda*: collaborarem em peças.

Pois a ambos—muitos parabens, e que lhes aproveite.

TONY.

Dr. Machado Portella

N'esta capital falleceu o illustre juriscultor Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella, director da Faculdade Livre de Sciencias Sociaes e Juridicas.

Antigo politico, dos tempos da monarchia, occupou posição saliente entre os seus contemporaneos, sendo por vezes eleito deputado por Pernambuco, sua terra natal, ministro do imperio no gabinete Cotegipe, e presidente das provincias da Bahia e de Minas Geraes, demonstrando em todos esses cargos uma rigidez de caracter a toda a prova, capacidade administrativa e absoluta probidade.

Lente durante muitos annos da faculdade de direito de Pernambuco, depois de jubilado veio exercer o cargo de lente e director da faculdade livre d'esta capital, creada a esforços dos irmãos Mendes de Almeida, Drs. Fernando e Candido, lugar em que veio surprehendelo a morte.

Honrando a sua memoria o *D. Quixote* inserir em sua primeira pagina o retrato do illustre finado.

Vertenza?!

São duas horas de uma tarde amena,
Corre serena toda a discussão,
Mas de repente se destampa um piano
E um vulto ufano deita fallação:

« Requeiro e quero que o congresso queira,
De tal maneira que a qualquer convença,

Que historia é essa d'um arbitramento,
Muito mofento em que entra um tal Vertenza.

Oh! que vergonha! Que terrivel fiasco!
Oh! quanto chasco o pobre Nilo apanha!
Vertenza é homem? Que é Vertenza, oh! Nilo?
Vertenza é aquillo que tu és, Peçanha?!

TIL.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES

A conversa d'esta vez é outra: são casos muito serios, entre os nossos amados freguezes do livro de assignaturas e nós, os amaveis funcionarios da administração:

Por mottvos obvios e razões de Estado, que nossos assignantes, atilados como são bem devem comprehender, resolvemos estabelecer uma modificaçãozinha no preço das assignaturas; esse será de 1º de Janeiro vindouro, o seguinte: 24\$000 para a Capital Federal, e 28\$000 para os Estados.

Em compensação—nós somos enormemente compensadores!—os nossos assignantes vão lavar-se em aguas de rosas, com um lindo premio, trabalho de Angelo Agostini, feito a capricho, e o qual premio ser-lhes-ha dado gratis—o que se pôde mesmo chamar perfeitamente *gratuites*.

Além d'isso, o Angelo, que dentro em poucos dias (e dentro do *Brasil*) deve chegar a esta Capital, traz em suas malas uma peneira de idéas novas para a confecção da folha, avultando entre essas a de favorecer os assignantes com uma serie de supplementos fantasticos, cheios de circumstancias, e que constituirão um primor no genero.

Quanto á redacção, confiada ao antigo jornalista Dermeval da Fonseca, essa conta já entre seus collaboradores: o illustrado Dr. Ramiz Galvão, cujos formosos artigos editoriaes ha tres mezes enriquecem a primeira columna do *Don Quixote*; o applaudido poeta Guimarães Passos, que tem a seu cargo duas secções desta folha e dellas se desempenha com brillantissimo, desde que volveu do exilio; o grande chronista Olavo Bilac, que condecorou as nossas columnas no passado numero, com um bello artigo que naturalmente trahi a sua beillissima penna—e que continuará a honrar-nos com a sua collaboração poderosa; e o emerito jornalista José do Patrocinio, que de Janeiro por diante virá formar na fileira dos que garatujam nas paginas interiores do *Don Quixote*.

Se querem mais, peçam por bocca.

Accrescentemos que *Don Quixote* será impreterivelmente publicado todos os sabbados, quer faça sol quer chova arroz;—e se isto não é um programma de encher o olho, n'esse caso não sabemos que mais faremos para contentar nossos leitores e assignantes.

Assim, estamos combinados: 24\$000 para a Capital; e 28\$000 para os Estados—com um premio lindissimo que será fornecido aos que já subserveram a folha pelos preços antigos, mediante, já se vê, a importancia da differença no preço das assignaturas.

E basta, que estamos fatigados, pela extensão do cavaco.

A ADMINISTRAÇÃO DO « DON QUIXOTE ».

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

FESTAS DO NATAL, costumes e tradições do Brazil, pelo Dr. Mello Moraes Filho. Tendo consumido grande parte de sua vida em estudar os usos e costumes populares, desde tempos remotos, consultando alfarrabios e recolhendo as lendas, as informações e os detalhes curiosos, sobre o assumpto, por ahi esparsos, é o distincto litterato Dr. Mello Moraes o mais competente para enfeixal-os em obra de folego, que constituirá a tradição viva da primitiva nacionalidade brasileira. A pequena brochura que temos á vista é d'isso prova, e tem o valor de um mimoso presente de festas do Natal.

A **CIGARRA**, n. 32, do 1º anno; trazendo em sua primeira pagina o retrato de Delgado de Carvalho, o joven auctor da *Moema*, a quem o texto assim se refere:

« A musica de Delgado de Carvalho é bem feita, mas nada tem de original: a cada momento ouve-se uma reminiscencia... » e o que destoa da homenagem da 1ª pagina. No mais, muito graciosos, o texto e desenhos.

CONVITE para a ultima corrida do grande premio de Velocidade, do Derby Club.

RIVISTA ITALIANA, n. 2 do anno 1º, importante publicação do Sr. Carlo Fabricatore, relativa a artes sciencias e industrias.

PETIT E'CHO DE LA MODE, n. 46 e 47 do XVII anno d'esse interessante e bem feito jornal de modas.

A **TOUTINEGRA DO MOINHO**, romance de Emilio Richebourg, tomo 7º da nova colleção popular.

UM **NOIVO A FIM DE SEculo**, cançoneta burlesca, letra de Julio de Freitas Junior, musica de Adriano Costa, impressão da casa Vieira Machado e C.

A **LEGITIMA BRASILEIRA**, polka de Tristão dos Santos, editada pela casa Arthur Napoleão & C.

SIMPLES, valsa de Juca Storoni; *Feniano*, tango de Arthur de Lemos; *La soirée rose*, de Abdon Milanez; edições das officinas J. Bevilacqua & C.

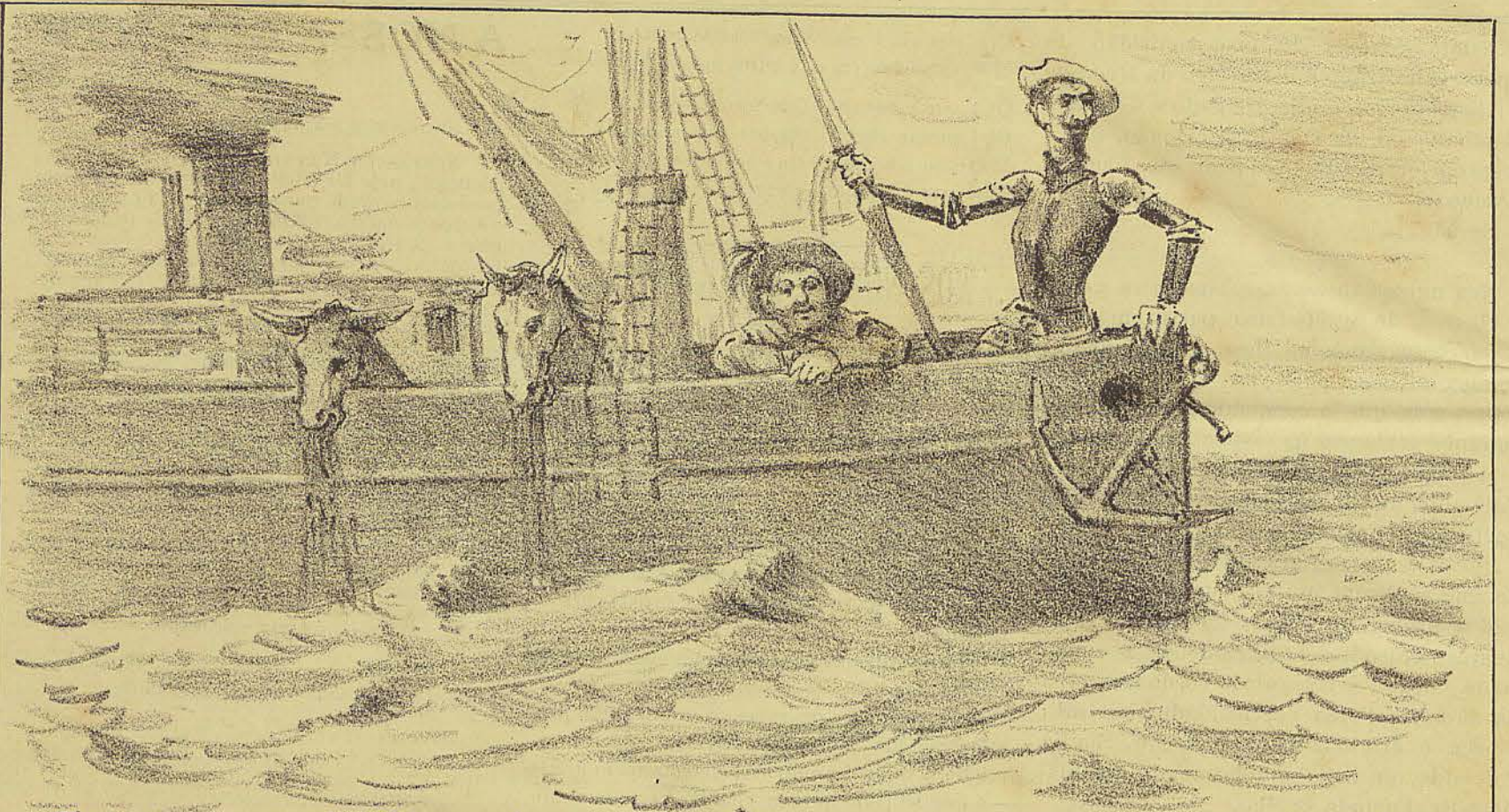
FOLHENHAS: um chromo (barometro) da casa Castro e Moses, joalheiros; um bello chromo representando uma formosissima mulher, da casa Alhadas & Cruz, agentes da banha Dous Machados; dous exquisitos chromos da casa de chapéus de sol Noé, Revel & C.; um interessante bambino (arlequim) tres lindas meninas, da alfaiataria America do Sul, de Fortunato Cardoso Ribeiro; dous meninos, que se nos afiguram D. Quixote em sua infancia, da casa Rocha, fabrica de chapéus de sol; duas elegantes jovens, da chapellaria Coelho, de Victorino José Esteves; uma bella mulher, vestida de rendas e prata, carregada de brilhantes e saphiras, mimo do Dr. O'Reilly, cirurgião dentista.

UMA **CARTEIRA** de couro da Russia, com um calendario de 1896, offerecida pela Pendula Fluminense, conhecida relojoaria.

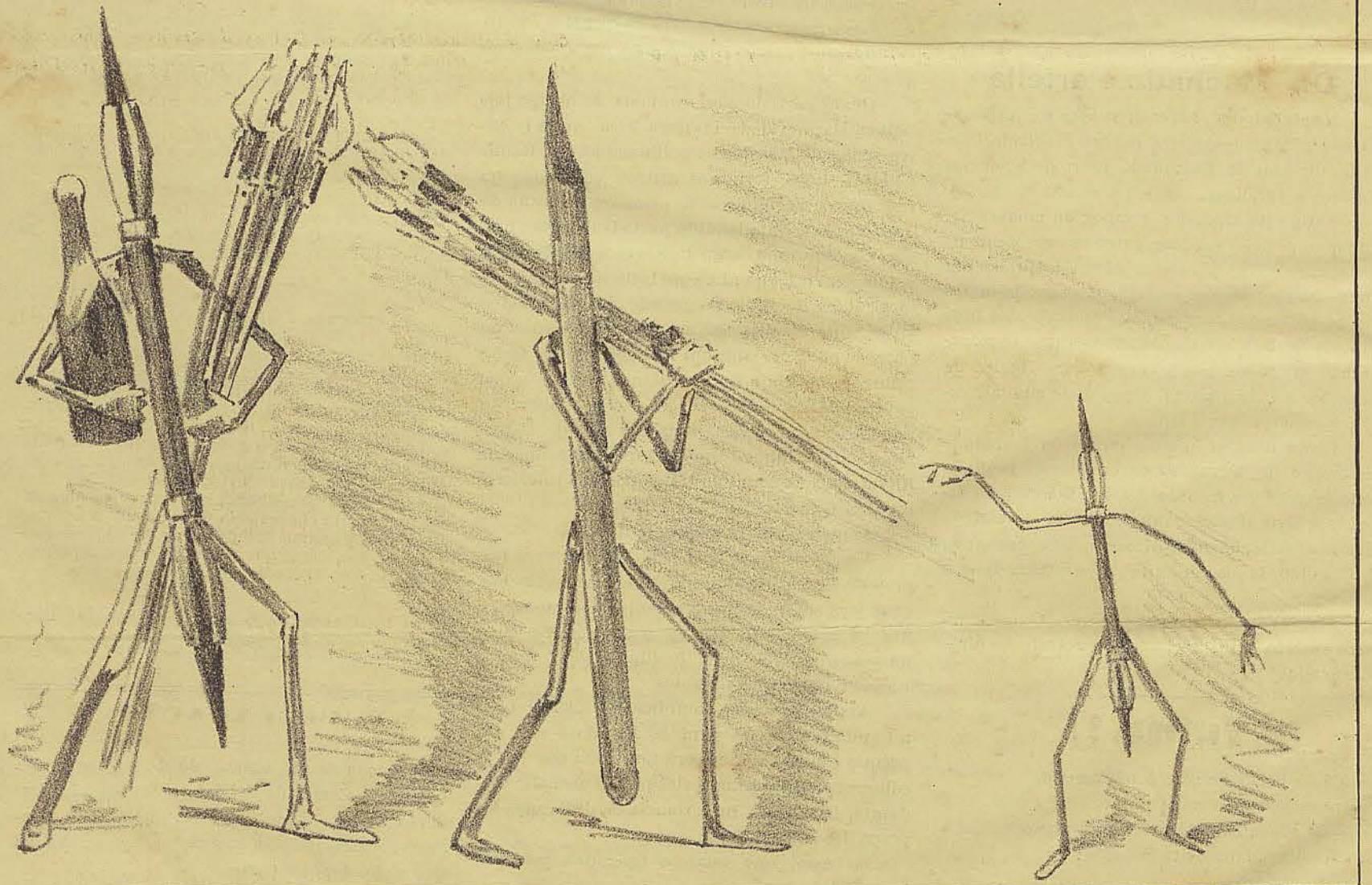
DECLARAÇÃO

Deixou de ser agente do *D. Quixote* na capital do Estado de S. Paulo o Sr. Capitão Ferdinando Costa, visto esse cavalheiro não cumprir seus deveres nem corresponder á confiança que n'elle depositamos.

Officina de obras do JORNAL DO BRASIL



D. Quixote e Sancho Pança já estão de viagem e proximamente reaparecerão nestas páginas. O unico contra tempo que até agora tiveram foi o enjão que atacou suas respeitáveis cavalgadas.



Cá por casa, o Sr. Lapis e D. Penna prepararam-se para recebê-los festivamente, como é dos estylos.

E o lapis, que substituiu o ausente, pede desculpa ao Mestre por não haver feito melhores garantias nesta substituição temporária.